

Notas e informações

ANC 88

Pasta 01 a 07

Abril/87

041

O Brasil, vítima do PMDBp 3
editorial

O clima surrealista que se apoderou da política nacional se estampa por inteiro na estranha nota oficial que a Comissão Executiva do PMDB fez divulgar a fim de fundamentar razões pelas quais o partido apóia a funérea política econômica que vem arrastando o País à vizinhança de crises gravíssimas, cujas conseqüências é insensato subestimar. É incrível que homens que assumiram a responsabilidade de dirigir a agremiação oficial, empregada esta palavra no sentido estrito do léxico, significando "que emana da autoridade", se disponham a brigar com os fatos e distorcê-los até desfigurar a realidade, contanto que, a partir da fantasia montada, possam extrair argumentos aptos a enganar os incautos sobre a validade e a utilidade da política mencionada. Que fazer? A falta de motivos aceitáveis, formulam-se frases de efeito, visando a revelar que a comunidade financeira internacional exige do Brasil tributo maior do que o imposto à Alemanha, a título de reparações de guerra, por força de disposições constantes do Tratado de Versalhes. É d'escaçar!

Reza a maisnada nota oficial que, em 1983/84, o Brasil transferiu para o Exterior 9,8 bilhões de dólares, enquanto em 85/86 teve que transferir 24,1 bilhões, o que representa um aumento de 145,9%. A drenagem de recursos elevou-se a mais de 5% do PIB". Segue-se a canhestra referência à Alemanha, no período "entre 1925 e 1932". O PMDB se dirige, evidentemente, a quem possa ser enganado por jogo de palavras e truques com números. A aludida "transferência" é o resultado do cotejo entre capital que procede do estrangeiro e os dólares que saem, a qualquer título. Cumpre esclarecer que ela aumentou porque, graças ao processo de *desadministração* por que este país está passando, nos últimos dois anos escasseou a vinda de recursos em moeda forte, por falta de confiança na ação dos titulares do poder público. De resto, essa falta de confiança surge, agora, como plenamente justificada, pois o Brasil foi impelido à bancarrota pela incompetência total com que se geriram, a partir de agosto de 1985, os Ministérios da Fazenda e do Planejamento. Dilapidaram-se, de lá para cá, cerca de cinco bilhões de dólares de divisas, de que se carecia para *cacifar* a negociação referente ao pagamento da dívida. E para que se dilapidaram? A fim de importar tampinhas de garrafas, aparas de papel, leite radioativo etc., etc., etc.

Como se haveria, portanto, de esperar investimentos em dólares suscetíveis de equilibrar as transferências

operadas no biênio 1983/84? O Brasil era o segundo exportador de carne do mundo: tornou-se, no ano passado, o maior importador de carne do mundo. Reajustou-se recentemente o preço do leite. É preciso esclarecer que se isso acontecesse antes se teriam poupado importações do valor de 400 milhões de dólares, no momento em que já não há disponibilidade para pagar o juro da dívida e se faz da *moratória técnica* bandeira de "independência", como pretende o PMDB, sem que os dicionários registrem semelhança entre as acepções destas duas palavras: independência e inadiplência.

Há mais, muito mais, infelizmente. Alega o partido de que é presidente de honra o sr. José Sarney que "os credores subiram as taxas de juro de 6% para 21% unilateralmente..." Perdão! Isto é falsear a verdade. O País se responsabilizou, nos contratos celebrados para compor a dívida, por pagamentos sobre os quais incidiriam taxas de juro do mercado; e essas taxas se elevaram, como foram majoradas em outras ocasiões, visto que se alteram semestralmente, ao sabor de flutuações que as autoridades financeiras, aqui, sabiam que poderiam sobrevir. Aliás, em 1986 tornaram aos 6%, baixando simultaneamente com o preço do petróleo. Enquanto isso, Fazenda e Planejamento, de mãos dadas, saboreando as glórias efêmeras do Plano Cruzado, adotavam uma taxa de câmbio fixa, irrealista, que desarticulou as exportações. E, mais, insistiram no demagógico congelamento de preços e promoveram importações supérfluas, encenando o festival da ganância que permitiu ao PMDB o êxito eleitoral de 15 de novembro de 1986. Se a posição desse partido que se vai conduzindo como algoz do Brasil não fosse tão simulada, seria o caso de elogiar o espírito de gratidão que moveu a Comissão Executiva Nacional a firmar a nota oficial que dá ensejo a este comentário: ainda existe quem saiba ser reconhecido a seus benfeitores... O problema é que, no caso, os benfeitores do PMDB são os pró-homens que infelicitam o Brasil e o mergulham nas dificuldades em que se debate. Conclua-se então que aquilo que é bom para o PMDB não é bom para o Brasil.

A nota em questão treveja: "O preço da rendição incondicional está implícito na pregação dos que desejam a volta ao FMI e, ao mesmo tempo, bradam contra a recessão, esquecidos de que a política do Fundo é a recessão". Ora, recessão, se houvesse, seria do Brasil, não do FMI. Há pior, porém. Sem que o País recorra ao Fundo, a recessão está aí, às portas! Não. O PMDB não sabe o que diz; e no entanto

busca impingir normas de ação ao Executivo, julga-se capacitado a discernir o interesse público e não admite dividir as responsabilidades de governo. Depois que sobrevier o pior, correrá à cata de bodes expiatórios que, aos olhos dos menos lúcidos, lhe justifiquem o malogro, o qual não teria maior importância — e até mereceria ser festejado — se não se identificasse com a desgraça do povo, traduzida em tensões sociais terríveis, carregadas de forças centrífugas que abalarão os fundamentos da sociedade, porão em risco a ordem e, por extensão, farão perigar seriamente a caminhada no rumo da democracia.

O FMI funciona em toda parte como auditoria de credores que avalia a situação real da economia de um país e oferece dados sobre a saúde dela. Ora, ninguém é tolo para duvidar de que a economia brasileira vá mal — e de mal a pior. Quem não quer, nem de longe, ouvir falar dessa auditoria, visa a esconder uma gestão econômico-financeira desastrosa, em que a base monetária foi multiplicada irresponsavelmente para tapar o buraco de um déficit público astronômico, matriz da inflação, a qual, como já se tem lembrado nestas Notas, enriquece os ricos e empobrece os pobres. Em que fica, a esta altura dos acontecimentos, a famosa opção pelos pobres, feita pelo governo em que o PMDB ocupa a maior fatia? Ele acionou a inflação a níveis que não se assinalaram na Velha República. Entretanto o governo com que o PMDB acaba de solidarizar-se na nota oficial publicada ontem insiste em amparar os pobres.

O Brasil é um país que tem tudo para dar certo; mas não há país que dê certo *desgovernado*. Hoje, contribuintes em geral, trabalhadores, empresários, pobres e povo, todos os que sofrem na carne a repercussão das providências funestas que compõem o que se convencionou denominar política econômica da Novíssima República (que nada tem que ver com a que seria encabeçada por Tancredo Neves), intuem ou verbalizam muito bem que são vítima do engodo representado pela demagogia oficial, de que a nota peemedebista constitui documento histórico. Ela vale, no quadro de angústias crescentes e penas generalizadas destes dias, como o atestado de que o PMDB empurra o País para o caos, porém jacta-se de defendê-lo. Em outras palavras, essa agremiação todopoderosa recomendou os caminhos que estão levando à ruína nacional e, apesar do que se constata, insiste em que tais caminhos continuem a ser trilhados. Se o Brasil tivesse como, já, defender-se do PMDB, certamente conheceria os dias melhores a que faz jus.